

PSICODRAMA PEDAGÓGICO SOB A ÓTICA DA TRANSDISCIPLINARIDADE NA ARTE-EDUCAÇÃO

Manon Toscano Lopes Silva Pinto; Sônia Maria Moraes Ferreira; Elisabete Meneses
Colégio Militar de Salvador, Faculdades Afonso Cláudio, toscanomanon@yahoo.com;
Colégio Militar de Salvador, soniaf1000@yahoo.com.br; Colégio Militar de Salvador,
profeliz@ig.com.br

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar um estudo de caso ocorrido no Colégio Militar de Salvador com discentes do Ensino Básico. A construção de um musical, intitulada ‘O soldado e a bailarina’, resulta de uma experiência com o psicodrama socioeducacional nas oficinas interdisciplinares de Língua Portuguesa – Artes Cênicas. Ao descrever as oficinas interdisciplinares de dança-teatro ali realizadas, mostramos o redimensionamento das práticas transdisciplinares que objetivavam desenvolver a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade como competências e habilidades auxiliadoras do multiletramento. A população-alvo foi composta por discentes de ambos os sexos, com idades variando de 9 até 18 anos. Em virtude de os discentes sentirem necessidade de investir em atividades voltadas para o exercício da criação coreográfica, as oficinas serviram para consolidar a solicitação discente, bem como contemplar os conteúdos da dança-teatro e o interesse coletivo. Considerada atividade extracurricular, a dança pode ser realizada de forma extracurricular, e assim, fugir das normatizações recebidas pela Divisão de Ensino Preparatório Assistencial que monitora os doze colégios militares que compõem o Sistema Colégio Militar do Brasil. Após algumas experiências com o psicodrama, os discentes que apresentavam, inicialmente, uma gestualidade estereotipada pela vivência com ginástica, puderam revelar novas possibilidades motoras. O estudo apresentou como questão norteadora: Como o psicodrama foi desenvolvido no colégio em atividades interdisciplinares de dança-teatro? Desse modo, as construções coreográficas, de natureza inter e transdisciplinar, puderam estar alinhadas com os objetivos do macro da instituição e, de igual modo, pode desenvolver competências primordiais para essas tarefas teve resposta positiva.

Palavras-chave: Colégio Militar de Salvador, dança-teatro, psicodrama pedagógico, transdisciplinaridade, ensino por competências.

INTRODUÇÃO

O estudo acerca das vivências psicodramáticas no Colégio Militar de Salvador (CMS) surgiu devido à necessidade de divulgar as experiências vinculadas as áreas díspares de conhecimento implicadas no currículo escolar. Considerando que os trabalhos com dança-teatro, realizados anualmente, também necessitavam de um aprimoramento discursivo, a utilização de outros métodos diferenciados de ação, tornou-se uma meta. Consequentemente,



as intervenções a partir dos projetos interinstitucionais, veiculadas antes do ano de 2009, foram redimensionadas.

Em 2014, a concomitância com as vivências psicodramáticas iniciais tomaram vulto. A princípio, compreender os estudos acerca da interface da Psicopedagogia com a Educação era o bastante. Mais precisamente, a arte educação era contemplada com as atividades interdisciplinares e transdisciplinares que contavam com a mediação de atividades motoras, de dança, de circo e até de artes marciais. Com o tempo, a emergência de se aplicar o letramento num ensino por competências, ampliou esse quadro de necessidades presenteando a população-alvo e os demais integrantes da instituição com excelentes resultados para o ensino e a prática docente das artes cênicas, de uma maneira geral, e, após a inclusão do teatro neste contexto, a própria dança alcançou outros patamares, deixando claro que ela teria muito mais a oferecer, alardeando o seu referencial de competências..

A preocupação também com a falta de foco e a consequente dispersão juvenil apresentada anualmente, num crescendo, instigou as chefias a liberar as vivências psicodramáticas que, até então, não eram do conhecimento geral. Desse modo, repensamos os modelos de aula até então estruturados, unicamente postos no contexto do ensino por competências, programa especificado pelos órgãos superiores que regem os Colégios Militares. Algumas competências específicas, entre elas, a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade, elementos essenciais nos trabalhos voltados para o desenvolvimento da expressão verbal, escrita e corporal e ausente nas manifestações artísticas dos discentes, desencadearam diversas incursões em programas de Pós-graduação em diferentes áreas do conhecimento, levando uma das pesquisadoras a idealizar um projeto que pudesse dar corpo a essas necessidades consideradas primárias. Foram estas as circunstâncias que a levaram à inserção do psicodrama pedagógico nas aulas eletivas, ocorridas sempre no turno vespertino.

As primeiras oficinas realizadas nos moldes definidos pela Associação Baiana de Psicodrama (ASBAP), uma das instituições promotoras da formação de psicodramatistas no Brasil, foram consolidadas no início da supervisão, nos anos de 2012, 2013 e, finalmente, 2014, quando foi dado por encerrado o projeto ‘O soldado e a bailarina’. Conforme foi especificado, as circunstâncias que levaram à feitura da pesquisa partiram, portanto, da inquietação sobre a visão cênica proporcionada pelos corpos protagonistas que se apresentam como modelos reprodutivos. A necessidade de assistir esses corpos oferecendo uma

possibilidade de desenvolvimento da espontaneidade, criatividade e sensibilidade em cada um, contribuiu para entender que o psicodrama era a metodologia mais adequada, pois garantiria a complementação de um resultado mais adequado com o que se pretendia alcançar – uma arte mais pessoal.

Dessa forma, o objetivo principal desse estudo é descrever a vivência com o psicodrama pedagógico nas oficinas interdisciplinares de dança-teatro como expressão da manifestação discente em prol do desenvolvimento da espontaneidade, criatividade e sensibilidade, vistas como competências básicas do ensino-aprendizagem em artes cênicas.

Entendemos que relacionar o psicodrama com a dança operacionalizada nessas oficinas é como estudar o próprio desenvolvimento da dança como atividade lúdico-criativa. Uma vez que a dança faz parte de um processo natural de expressão corporal humana, cujos autores podem perder suas identidades ao longo dos anos, se houver uma manutenção de atividades convencionais, decerto que o ensino-aprendizagem será afetado. (CANCLINI, 2003). Assim, torna-se uma meta ultrapassar as conservas culturais que Moreno denominou categorias de processos reprodutivos da humanidade, e que são, abusivamente trabalhadas nas práticas motoras, seja na educação física, seja na dança.

No CMS, o psicodrama tem como objetivo geral contribuir com o conhecimento sobre psicodrama pedagógico e, como específicos: investigar sobre a interface do psicodrama com práticas transdisciplinares; avaliar a aplicabilidade das técnicas sociopsicodramáticas para o desenvolvimento da espontaneidade, criatividade e sensibilidade na dança-teatro no e vivenciar a prática moreniana e bermudiana no projeto de multiletramento da Divisão Educação Preparatório Assistencial (DEPA).

Essa proposta foi pensada porque acreditamos no psicodrama como excelente instrumento para abordagem de grupos e intervenções em projetos que requer uma prática dialógica, inter e intrapessoais. Essas intervenções socioeducativas corrigem, de certo modo, a formação inadequada para a incorporação de uma consciência mais ecológica, elemento exigido numa educação para o presente e o futuro. Uma qualificação destituída do pensamento transdisciplinar interfere no comportamento socioemocional dos aprendentes, bem como a relação dialógica educador-aprendente. Por tais considerações, apostamos que o psicodrama pedagógico possa viabilizar o que Moreno denominou fator ‘tele’, que é o objetivo principal de uma educação complexa. Assim indagamos: O que falta para ser

experienciado numa educação transdisciplinar que se proponha a brincar com o corpo tornando-o mais sensível, espontâneo e criativo? Como o psicodrama trata dessas questões na pedagogia? Quando torná-lo uma prática efetiva transdisciplinar? Por que vinculá-lo à educação motora e artística transdisciplinar? Quem poderá introduzir o psicodrama numa educação motora? Que técnicas psicodramáticas poderiam ser trabalhadas em ambiente escolar? Para responder a essas e outras perguntas, o referencial teórico dos próprios psicodramatistas dão as respostas. “Toda dramatização deveria ter qualquer coisa de lúdico, ou seja, de livre, de permissivo, de arriscado, de desafiante, de estético”. (ROMAÑA, 1996, p. 21)

2 METODOLOGIA

O trabalho manteve uma centralidade nos parâmetros epistemológicos cujos conhecimentos estão situados no contexto social, cultural e historicamente determinado. Por isso foi adotada uma postura analítica e política frente ao objeto estudado que é a aplicação do psicodrama nas atividades eletivas de dança elaboradas em conjunção com a disciplina de Língua Portuguesa.

Para fundamentar a pesquisa e a práxis dessas oficinas, optamos por selecionar uma parte dessa população, composta por um contingente de quinze componentes, de ambos os sexos, com idades variando entre 9 e 14 anos. Recorremos a diversas áreas do conhecimento, além dos autores de referência ímpar: Moreno (1985), Bermudez (1989), Romaña (1990) além de Morin (2000) e Weil (1999), cujo discurso ecológico, interdisciplinar e transdisciplinar foram necessários para compreendermos a imersão do psicodrama no Brasil.

No SCMB, os jovens, em sua maioria, não escolhem a carreira das armas, mas são obrigados a entender os símbolos e a magnitude da instituição como um significado que vai além daqueles que os próprios discentes elegem como primários. E assim assumem, diariamente, um papel de 'pseudos' soldados e/ou futuros cadetes, aprendizes de um ofício que pouco tem a ver com a maioria deles que escolherão profissões díspares: médicos, dentistas, advogados, e até artistas, dançarinos ou diretores de teatro. Levamos, também, em consideração, as vozes discentes, por acreditarmos que, assim, a aproximação com as construções dramáticas pudessem ser mais fidedignas às análises e interpretações, uma vez

que o psicodrama é um cenário de revelações corporais e verbais. Isso ocorreu por entendermos que as vozes e as formas de agir desses sujeitos referem-se aos esquemas mentais que são construídos *in loco*. Dessa forma, estamos mostrando que o psicodrama é uma arte do aqui-e-agora.

Para o desenvolvimento do projeto ‘O soldado e a bailarina’, tema destinado para a composição do musical definido para o ano de 2014, esse é um dado irrelevante tão quanto é o fato de as duas turmas estarem ligadas a uma só docente, em se tratando da composição dos níveis de escolaridade, pois só uma parcela dos anos letivos é que fazem parte das aulas de dança. Uma vez que a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, numa insituição tão complexa quanto o CMS, não conseguem dar conta da necessidade de se estabelecer uma prática que desenvolva as competências referenciadas e torne o relacionamento grupal mais coeso, é preciso que todos os docentes reconheçam no psicodrama um instrumento facilitador dos vínculos, o que o torna um instrumento de peso para os propósitos da DEPA e para o cotidiano dessas aulas.

No tratamento de dados, utilizamos a avaliação polilógica, vinculada ao discurso transdisciplinar e realizada no momento de compartilhamento. Portanto, ao contrário de uma discussão isolada sobre a validade da inserção do psicodrama, pesquisamos a possibilidade de abertura ao diálogo com os principais protagonistas, ou seja, os componentes do grupo de dança e os estudantes que se sobressaíram nas propostas definidas como atividades geradoras de um trabalho coletivo global, para que eles próprios pudessem compartilhar o que facilitou ou dificultou o desenvolvimento do trabalho deles. Mas, acima de tudo, esse era o momento de eles mostrarem como estavam sentindo o processo, em si, entre os parceiros de trabalho, e como percebiam a execução das vivências em conjunto, ou isoladas, ou aquelas em que eles ressaltavam como as mais significativas.

3 RESULTADOS

Pelo fato de o colégio iniciar um Programa de Educação Inclusiva, em ‘O soldado e a bailarina’ houve uma estreita relação com esse propósito que nos é solicitado trabalhar, sempre que possível, em todas as áreas do conhecimento. O imaginário trabalhado no conto de Andersen foi um elemento facilitador desse processo. Como o personagem principal é um



soldado que ressaltava a problemática das limitações físicas, o espetáculo realizado discorreu sobre a superação que todo ser humano deve enfrentar, enaltecendo, assim, o propósito da educação inclusiva. Percebemos, com os resultados apresentados, que o sentimento de querer ir em busca de algo estava em consonância com o que os alunos admitiam ser o cotidiano deles. Esse ponto, considerado, talvez, o mais relevante, se ajustou ao grupo que procurou desmembrar a história de Andersen, ao mesmo tempo que centralizou as respostas numa ação muito conhecida por todos, desde o ano anterior, 2013, ano em que a sala de dança passou a ser reconhecida como o ‘quarto de brinquedos’.

Com esse simbólico nome, os discentes passaram a registrar o que realmente queriam: uma construção que fosse a cara da meninice, do sentimento do ato brincante e, portanto, as atividades eram sempre realizadas com a permissão da criação que cada um carregava dentro de si, e a permissão para voltar a ser criança. Para eles, brincar de soldado com todos os apetrechos deixados em cena, era o que mais importava. Podemos dizer que os três elementos que Moreno (1985) admitiu serem os ícones de sua teoria, a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade foram afloradas nesse momento tão prazeroso que revelou cenas além do que se esperava.

Para avaliar se o psicodrama neste contexto, a resposta esperada tem que levar em consideração os critérios que permitam verificar em que medida o tratamento competente da situação é bem sucedido e socialmente aceitável, como deduz Jonnaert (2010, p. 72). Percebemos que os discentes se harmonizam em prol de um resultado e, considerando que no compartilhamento todos disseram o quanto ficaram satisfeitos com o processo e o resultado, nos damos também por satisfeitos, até pelo fato de desejarmos criar ações cocriativas com as competências requeridas: espontaneidade, criatividade e sensibilidade.

Em relação ao desenvolvimento dessas competências, vemos que, após vivenciarmos as situações concretas e que, após passarem por manejos em prol da realização de todos esses itens, eles mostraram ser capazes de mudar e transformar a realidade inicial que é foi a dificuldade em construir coletivamente imagens e sequências coreográficas. Conseqüentemente, todos os instantes foram ressoados por outros componentes que faziam parte de outros anos escolares, até mesmo do ensino médio que não inclui nenhuma eletiva obrigatória no turno vespertino. Nesses instantes, outras oficinas foram formadas e, tidas como complementares, puderam abrilhantar o trabalho do grupo específico desse estudo,

pertinente ao 6º ano, mas arrastando para seu contexto os discentes do ensino médio. O que prova como ressoou na instituição.

4 DISCUSSÃO

O destaque dado pelo SCMB / DEPA ao ensino por competências, nos pareceu eleger, a princípio, como eixo temático maior, o ambiente e as identidades. Diante da sugestão da supervisão, em documento expedido pela Divisão de Ensino, foi proposto o tema ‘cidadania: eu também quero participar’ para realizar os trabalhos interdisciplinares. De acordo com Mödinger (2012, p. 14), “ser cidadão significa participar e lidar com segurança com a complexidade do mundo para intervir nele criativamente – para isso, é necessário compreender as relações humanas como complexas, diversas, situadas e historicamente construídas”.

Nas oficinas psicodramáticas idealizadas conforme o seu criador, o fortalecimento de vínculos é uma constante e isso condiz com o tema cidadania. Mostramos, com isso, que criatividade e artes são processos inteligentes de nos tornarmos vivos, além de deixar claro que a competência para ler uma obra artística não é diferente da leitura de textos em Língua Portuguesa (LP) ou Língua Estrangeira Moderna (LEM). Pela dança, também estabelecemos critérios relacionais. E o psicodrama ajudou a encontrá-los mais facilmente, principalmente porque o trabalho com ação, movimento, imagem se coadunam com todo o resto que oferece o CMS.

O acervo de conhecimentos que torna o participante da atividade um membro de um grupo, tem na dança o que podemos chamar de ‘dança psicodramática’, uma das importantes experiências escolares. É um processo gerador de atitudes de valorização das suas próprias produções, que legitima o ato de dançar no estabelecimento. Sentimos o quanto é necessário trabalhar os sentimentos e as emoções. A falta de um trabalho que aproxime os integrantes da sua própria cultura deve ser revisto pela direção. Apesar de os discentes serem, em sua maioria, soteropolitanos, o interesse pela música pop americana é intensa e isso os afasta das suas raízes. Outro dado que não pode deixar de ser ressaltado, tão próximos os discentes estão das músicas pop e longe de suas raízes. Com o psicodrama na retaguarda, potencializamos as experiências que podem sinalizar esses pontos, que não deixam de ser, pontos de vínculos



afetivos socioculturais. Podemos oferecê-las ao público, interno ou externo que, depois de apreciá-las, passam para um momento de problematização, reflexão, chegando a relacionar e contextualizar, adequadamente com o universo juvenil.

Em relação à aprendizagem, fenômeno que acontece na interação com o outro e em vivências significativas com o conhecimento, se socialmente construído, origina resultados não lineares. Moreno (1985) trabalhou intensamente no sentido de devolver a alegria aos sujeitos. Para isso combateu, veemente, processos que só incidem em conservas culturais que diferem, completamente, do pensamento criativo-spontâneo. Desse modo, as oficinas psicodramáticas, principalmente no compartilhamento, são importantes facilitadores da fluência quando expomos o que sentimos, o que percebemos, o que podemos fazer para melhorar, e, assim, desenvolvemos o autoconhecimento apresentando múltiplas ideias e sentimentos, oferecendo novos procedimentos sobre um mesmo assunto.

Ressaltamos, então, a flexibilidade, ou seja, a variabilidade e mudança de rumo nas ideias e procedimentos provocando o protagonismo, ou seja, a busca de singularidade, de prática pessoal, de desempenho da autoria, exercendo lideranças, por meio de processos individuais ou coletivos. Como se percebe, é um estudo generalizável, visto que pode ser ampliada a pesquisa em outras esferas da Ciência e da Arte, ajudando a estabelecer novos critérios metodológicos com o intuito de relacionar questões emergentes, tais como a diversidade cultural e educação inclusiva.

Com esse discurso, propomos uma experiência que possa devolver a consciência planetária nas práticas educativas, dever primordial daquele que acredita ser o propósito do ser-cidadão. E, assim, podemos inferir, pelo menos, três considerações fundamentais para obter sucesso, inclusive com o letramento. A primeira é a necessidade de oferecer uma diversidade de atividades corporais que possa ser observada pelo docente por um tempo mais prolongado; a outra é ampliar o campo de ação da educação motora, que seja mais planejada e coadunada com música e práticas populares; e uma terceira que é a necessidade de os docentes oportunizarem um tempo para uma escuta sensível que possa dar vazão à espontaneidade e criatividade, além da sensibilidade.

Diante de um cenário altamente racional como é apresentado nos colégios militares, dificilmente acreditaríamos que ali também é um espaço para um cotidiano teatralizado. O soldado encena, entra e sai de cena durante todo o cortejo em que seu corpo desfila



comprimido por um coturno que recebe parte de uma fantasia simulando uma floresta que lhe cobre o corpo enquanto brinca de soldadinho de chumbo. Esse é um dos papéis que mais encantam uma bailarina que deseja descer de sua sapatilha de ponta e experimentar, pelo menos, por alguns momentos, a possibilidade de cheirar o mato, a relva, os rios, os mares e as montanhas onde papagaios e pintassilgos cantam com os sabiás que gorjeiam o hino nacional, mesmo não sabendo a letra.

A consciência coletiva criou inúmeros saberes, mas dançar, cantar e representar são atividades que perpassam o ‘recinto sagrado’ silenciosamente. Acreditamos que a sensibilidade, sentimento e imaginação são, vez ou outra, um apelo discursivo, mas desconsiderado como uma expressão não tão requisitada pelos limites da caserna. Entretanto, o elo perdido com o ‘faz de conta’ volta a imperar nos bancos escolares de unidades militares. O corpo daquele que conta com 9 ou 10 anos, portador de um repositório de fantasia da sensibilidade argumenta ser necessário manter no cotidiano as mesmas crianças que eles ainda acreditam estar neles. Muitas nos mostram que o melhor da vida é dividir alegrias e tristezas com o imaginário que ela própria criou e que ainda mantém no coração um lugar especial para tal.

Acreditamos que não se trabalha competências e habilidades sem o fator emotivo / sensitivo que devem ser bem aflorados e desenvolvidos, seguindo-se uma prática relacional bem fundamentada. Utilizando a imagem de uma ‘Maria Fumaça’, que, ao dar o sinal de partida, seus vagões vão ganhando espaço, a educação artística, educação física e demais áreas do conhecimento devem fazer o mesmo. Assim, percebemos que o ato de dançar e dramatizar perpassa o sonho de qualquer cidadão. Uns o fazem, outros imaginam que fazem e outros enganam que fazem e simulam para si mesmo que não gostam desse tipo de arte, apenas porque não acreditam na possibilidade de se expressar, ato tão humano quanto comer, beber, marchar, dormir entre outros.

Dançar, por exemplo, é uma atividade indescritivelmente dialógica e envolvente, plena de sentidos para quem dança e para quem aprecia aquele que dança. Tomando por base que o drama é um momento empático, cuja plateia e atores, dançarinos ou não se regozijem e se identificam, compreendemos o quanto é possível vivenciar a cidadania consubstanciada nos valores humanos e conteúdos afetivos que se permitem vir à tona, uma vez que na arte tudo pode.



Ao encenar, também representamos diferentes papéis e estados de ser. Compartilhamos música, voz, espaço e expressão corporal, ambiental num incomensurável estado transdisciplinar em que o ritual é deixado de lado, posto num cabide para que o corpo do estudante quase soldado, ‘torne-se’.

No 6º ano, em especial, lidamos ainda com as múltiplas maravilhas dos contos ‘maravilhosos’, quase encantados, quase ‘faz-de-conta’, onde reis e rainhas malvadas, cantam, encantam, tudo que o conto tem através dos mitos, lendas, fábulas e ‘contos de fadas’. Tudo isso encanta de uma forma ou outra, qualquer um, mesmo não sendo apreciador da dramaturgia.

CONCLUSÕES

Uma das ações aqui explorada foi detectar onde e como o psicodrama contribui para vivificar as práticas vinculadas ao pensamento complexo, já desenvolvido no CMS, para que a dança seja percebida como uma aprendizagem significativa. Com a finalização desse artigo, apresentamos o psicodrama como importante instrumento metodológico que, associado à transdisciplinaridade, vivenciada em propostas interdisciplinares no CMS, vem ampliando a expressividade discente nas aulas-oficinas de dança-teatro, facilitando o ensino por competências e do ato de letrar. Conseqüentemente, auxilia o protagonismo em ações individuais e grupais, desperta a sensibilidade lúdico-criativa e amplia as ações socioculturais, tornando as vivências com dança, uma prática dialógica. Assim, respondendo à questão problematizadora, registramos que o psicodrama atende as necessidades institucionais e é um importante instrumento para o contexto grupal e individual. Portanto, o consideramos como uma atividade propícia para o desenvolvimento das competências criativas-espontâneas, promotoras também do desenvolvimento da sensibilidade e do autoconhecimento.

Podemos afirmar que o trabalho preencheu uma lacuna no contexto da dança transdisciplinar atendendo àqueles que possuem interesse em temáticas vinculadas às artes cênicas dessa natureza. Adiantamos, que o estudo é inesgotável e pode vir a contribuir para o entendimento da influência das práticas psicodramáticas no cotidiano da educação básica de cunho transdisciplinar, sublinhando a necessidade de seu emprego em outras disciplinas do currículo escolar. Entendemos, ainda, que, com todo esse discurso a principal ação que nos



torna humanos é o desenvolvimento das habilidades e competências que possuímos e a ampliação dos sentidos para apreender o que o mundo nos oferece para manutenção de nossa existência.

Dos resultados alcançados pôde-se apreender, de igual forma, que o psicodrama proporcionou a valoração da dança-teatro como um importante instrumento para a educação holística. Com as vivências psicodramáticas, acreditamos que o discente possa desenvolver, com mais facilidade, ações que se pautam no criar, alterar, transferir e complementar as atividades sem ferir os estatutos internos da instituição, cujas propostas de produção dos textos devem apresentar situações em que possam ser mais bem aproveitadas pela disciplina de Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras Modernas e Redação, considerados os seus diversos gêneros discursivos, bem como conciliar com as apresentações cênicas para apreciação. Nesse sentido, é preciso reconstruir algo conhecido, sempre que podemos. A isso chamamos evolução.

Assim estreitamos os laços da educação artística e educação motora no ato de ler e escrever, contar histórias e contar letras e números num processo inusitado de construção de imagens de um tempo que foi e que não volta mais. Esse é um grande desafio do SCMB: aprender a dançar, encenar, a cantar e tocar, além de explicar que a leitura e a escrita, não é tudo que usufruímos na vida. Dançar com arte e com apreço determinado e determinante num espaço que abriga a dança que se escolhe para dançar, é quase uma obrigação, porque não podemos deixar nossos corpos se tornarem marionetes nas mãos de professores coreógrafos que almejam apenas dar um nome a uma imagem sem dono e criada ao sabor do vento.

O que chamamos contextualização está presente em muitas danças criadas na sociedade, frutos de uma história que muitas vezes não nos pertence. Trazê-las de forma infundada no ambiente educacional é jogarmos no corpo de um estudante uma ação patológica e inaceitável, principalmente se estamos procurando dar sentido a uma história que um público externo ache que ela é sem sentido. Cada espaço tem sua razão de ser. Trabalhar com dança no SCMB é como lapidar uma joia. Se mal trabalhada, ela pode, atuar negativamente no ensino-aprendizagem.

O corpo requer possibilidades diversas de acordo com a disponibilidade do arcabouço cultural que acumulou durante seu crescimento e desenvolvimento, conforme as necessidades de cada um e interesses pessoais e coletivos. Portanto, dessa forma formamos uma rede de



possibilidades cruzando culturas, técnicas, conteúdos e áreas do conhecimento até se consolidarem numa história quase sem fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. 4. e., São Paulo: Edusp, 2003.
- JOONAERT, Philippe. *Le concept de compétence revisité*. Quebec: EENAS, 2007.
- LEPAGE, Chantale. Praticar a arte dramática na escola. In: MARCEAU, Carole; CAJAIBA, Claudio. **Teatro na escola: reflexões sobre as práticas atuais**. Brasil – Québec: UFBA, 2013, p. 9 - 19.
- MODINGER, Carlos Roberto. **Artes Visuais, Dança, Música E Teatro: Práticas Pedagógicas E Colaborações Docentes**. São Paulo: Edelbra, 2012.
- MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Summus, 1985.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília, DF: Cortez, 2000.
- ROJAS-BÉRMUDEZ, Jaime G. *Que es el sicodrama?* Buenos Aires: Editorial Celcius, 1984.
- ROMAÑA, Maria Alicia. **Psicodrama pedagógico**. Campinas: Papirus, 1990.